

A PANDEMIA E OS REFLEXOS SOBRE MEU CORPO ARTÍSTICO: PERFORMANCE E FOTOGRAFIAS

Eixo Temático ET 15 - Formas de Viver e Desejar na Arte e na Geografia:
Perspectivas para pensar Corpo, Gênero e Sexualidade

Olívia Godoy Collares ¹

RESUMO

O presente texto discorre sobre duas produções artísticas de minha autoria. A primeira intitulada “Nós Não Estamos Sós, Nós Estamos com Nós Mesmos” e a segunda “Cápsula do Tempo”. Ambas relacionadas ao meu corpo artístico-sensível-performático, onde a prática da observância desta produção artística se manteve e resistiu diante da pandemia do Covid-19. Ao longo do relato, disserto sobre a existência do corpo em um “espaço urbano e não(urbano)” a partir de uma cartografia afetiva de lugares e memórias, envolvendo o performar e o fotografar artístico. Assim, pelas lentes de um olhar estrangeiro sobre mim mesma, utilizo o videoperformance e a fotografia analógica para capturar estes novos sentidos apresentados.

Palavras-chave: Corpo artístico; Espaço urbano. Pandemia. Observâncias.

INTRODUÇÃO

Esta escrita parte da premissa de como os afetos vividos e sofridos com a pandemia do Covid-19 me impactaram e os efeitos que suscitaram em mim, assim ressalto a importância de elucidar que este é um relato carregado de narrativas pessoais, no qual reflito sobre o processo autoformativo e performativo de meu corpo artístico e (não)urbano² durante o isolamento social. Sendo assim, esta escrita é uma ponte entre

¹ Graduanda do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, oliviagodoy@gmail.com;

² Não poderia deixar de citar a influência que a participação na II Edição do “Festival Internacional de Performances Mínimas Urbanas (Confinadas) en Vídeo: Cuerpo (No)Urbano en Acción”, onde participei com os pesquisadores internacionais (Espanha): Me. Domingo Mestre, Dra. Elia Torrecilla e Dr. Miguel Molina. Assim como na “Anti-Intervenção artística conceitual no espaço (não)urbano: COLA NA IDEIA”, realizada junto aos pesquisadores/artistas Dra. Janice Appel e Leandro Castro (Bolsista CNPq),

duas produções que realizei durante a pandemia e que expressam, não somente visualmente, como também conceitualmente, estes afectos³. As duas produções sobre as quais irei me debruçar ao longo da escrita foram realizadas em diferentes momentos do isolamento social: uma no início da quarentena, em maio de 2020, e a outra, em abril de 2021, quase um ano após a primeira produção. Portanto, ao observar estes cenários, teço reflexões quanto às nuances que surgem e que se apresentam entre as obras.

Como ser um corpo artístico e não ser afetado pela pandemia do Covid-19? Os atravessamentos dos primeiros meses em quarentena resultaram em longos períodos de solidão para mim. Me encontrei inúmeras vezes olhando no espelho e percebendo como meu corpo, carne e matéria, coexistem nesse mundo. Eu, que recentemente havia raspado o cabelo, estava me vendo com outros olhos. Com este mesmo olhar estrangeiro eu via o meu lar, meu quintal e a paisagem, misturados com um profundo medo da inexistência e da morte, em face de tantas vidas perdidas no atual cenário lastimável e revoltante que vivenciamos no país.

A partir dessas inquietações, tracei um olhar e corpo sensível como potencializadores de uma produção artística. Para isso, apresento aqui o processo do “inviso” (DIAS, 2008), que é quando verificamos que, a partir de uma rotina, não somos mais capazes de perceber os detalhes do nosso entorno. A autora dá enfoque às experiências da cidade/espaco-urbano/paisagem. Nesse contexto, amplio este conceito para o “inviso” de nós mesmos, ou seja, quando deixamos de nos perceber, ou nem sequer um dia tenhamos nos percebido por inteiro. A autora também explica sobre dois eixos: paisagem e o movimento do olhar (que engloba o ver e não-ver, ou, in-ver). Sobre isso, proponho aqui a reflexão sobre o “me-ver”, afinal o âmago da primeira produção, o qual irei decorrer, é exatamente sobre me enxergar no reflexo de um espelho de uma maneira nunca vista antes, através de uma videoperformance⁴, que pode ser vista através dos frames (Figura 1).

O PERFORMAR

através do Grupo de Pesquisa no qual fiz parte e que nutriram a construção da gramática do meu texto pela inclusão da escrita “(não)urbano”.

³ A expressão afecto, em espanhol, é a tradução livre de “afetos”, em português.

⁴ A videoperformance tem como referência a artista Marina Abramovic, com sua performance “a artista está presente”, 2010. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/cultura/1426271829_404678.html> Acesso em: 31 de julho 2021.

Em “Nós Não Estamos Sós, Nós Estamos com Nós Mesmos”, me vejo através do reflexo de um espelho, e busco traçar a profundidade contida nesta ação de encarar a si mesmo frente a frente, enquanto acaricio meu rosto com uma de minhas mãos. A partir destes gestos mínimos de toques no rosto, percebo o quão difícil é realizar este movimento de acolhimento comigo mesma, e acabo me emocionando. Entendo aqui que a pandemia revelou esta forte angústia de sentir-me só. Ao praticar esta observância⁵ do micro para o macro, percebi que a solidão é, quase na mesma medida, tão temida quanto a morte. Amparo esta reflexão no fato de que continuamente vejo as pessoas priorizando o encontro com seu círculo familiar e de amigos, ao invés de preservar suas vidas e prevenir-se do contato com o vírus. Assim, mesmo as pessoas que não possuíam a necessidade de sair de casa, quebram o isolamento social no cenário crítico em que o país se encontra.

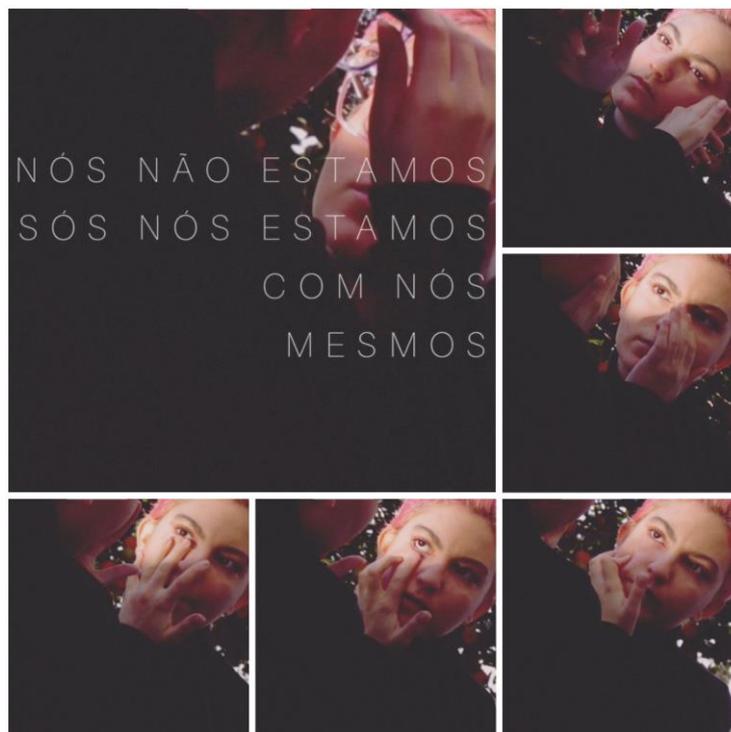


Figura 1. Frames da videoperformance, duração 1 '26", 2020. Acervo pessoal.

Não poderia deixar de mencionar aqui que esta videoperformance⁶ foi exibida na II Edição do Festival Internacional⁷ de Performances Mínimas Urbanas (Confinadas) em

⁵ A utilização do termo observância pode ser vista com frequência nas pesquisas de arte de algumas autoras, tais como Janice Appel, Maria Ivone dos Santos e Eduarda Gonçalves.

⁶ Acesso a produção Nós não estamos sós, nós estamos com nós mesmos:
<<https://oliviagodoyy.wixsite.com/contagiart/n%C3%B3s-n%C3%A3o-estamos-s%C3%B3s-n%C3%B3s-estamos-com>>.

⁷ O festival Festival Internacional de Performances Mínimas Urbanas (Confinadas) em Vídeo: Cuerpo (No)Urbano en Acción surge na Espanha e teve itinerância no Brasil. Disponível em:
<<https://urbanbodyinaction.wixsite.com/noturbanbodyinaction>> Acesso em 31 de julho 2021.

Video: *Corpo (No) Urbano em Acção*, percorrendo diversos países e cidades numa exposição coletiva. Considerando o corpo artístico e o espaço (não)urbano como fatores potencializadores desta produção, penso nos conceitos de “campo expandido” (BREA, 1996 apud KRAUSS, 1979). Estas práticas artísticas que percorrem o público e o privado, assim como os conceitos levantados por Brea, são definidos em quatro quadrantes e podem ser melhor compreendidos por Appel. Segundo a autora, “no quarto e último quadrante situam-se as práticas artísticas em espaço urbano e seu tecido social, quebrando assim com a lógica do museu e atuando diretamente no cotidiano e no espaço urbano” (APPEL, 2019, p. 7-8).

A produção me levou a um espaço completamente inesperado, onde fui convidada a participar de uma live internacional (Brasil/Espanha), com os produtores/realizadores e co-criadores do Festival. Este encontro virtual foi promovido pelo Grupo de Pesquisa Laboratório de Creaciones, UPV (Valência), Núcleo de Exposições e o Espaço Incomum (Universidade Federal do Rio Grande - FURG). Neste encontro, pude apresentar meu percurso narrativo sobre as reflexões acerca desse corpo artístico-sensível-performático, e sobre como o nosso mundo privado pode e deve ocupar espaços urbanos, ou (não)urbanos. No entanto, permanecemos, ainda assim, existindo e resistindo como corpo artístico e político. Dessa forma, acredito que minha videoperformance vai ao encontro de um espaço urbano e estabelece um lugar de identificação e/ou reflexão, conforme DIAS (2011):

Se retomarmos a fórmula conhecida de que toda imagem fotográfica é um vestígio do mundo real, diria que meus vídeos são vestígios enraizados no real. Cada espectador/observador, a partir daí, estabelecerá suas próprias conexões, podendo, talvez, descobrir nessas imagens/vestígios um fragmento de sua própria experiência espacial, desencadeando sempre novos agenciamentos. (DIAS, 2011, p. 4).

O FOTOGRAFAR

Em paralelo a este conceito, me desloco para a minha segunda produção pandêmica. Entretanto, antes disso, saliento que o meu percurso como bolsista e pesquisadora discente (2020-2022) no projeto de pesquisa “Observatório de arte pública e as mudanças a partir do covid-19” (FURG), foi fundamental potencializador dessas produções artísticas. A segunda produção é composta por trinta e quatro (34) fotografias

analógicas dispostas em um álbum de artista⁸, onde alguns registros são acompanhados de bordados.

Em minha perspectiva, a fotografia analógica dialoga com uma tentativa de desprendimento do controle. Nesse sentido, a pandemia as nossas vidas, colocando-nos em um lugar de descontrole, ansiedade e incertezas, rompendo também com o ritmo frenético no qual vivemos. Assim, a proposição de realizar as fotografias através do meio analógico desencadeou uma série de questões, como a limitação de registros, a incerteza se o filme foi revelado sem ser queimado, além da espera da revelação do negativo. Este processo criativo envolveu um apego e um cuidado com os registros, algo que fazia tempo que não sentia, neste mundo tão bombardeado por imagens. Enquanto ao álbum, há ainda folhas em branco, provocando uma estética do “inacabado” (SALLES, 1998), assim é possível olhar para a produção numa perspectiva de acervo pandêmico, que estará em uma constante renovação de memórias. A produção intitulada “Cápsula do Tempo”, demonstra simbolicamente o armazenamento físico, reflete sobre a efemeridade das redes sociais e sobre esse período histórico. Tenho a intenção de que este álbum possa oferecer uma percepção pandêmica poética e sensível. Do mesmo modo, servirá para mim como um apanhado de imagens que apresentem de memórias desse período vivido e sofrido.

A fotografia é um “ato irreversível” (SOULAGES, 2017, p. 3), mostrando algo que não ocorrerá outra vez. Esses registros passam a ser ainda mais assustadoramente fascinantes, pois se as fotografias não fossem reveladas, elas estariam gravadas somente em minha memória. Isto não é, talvez, viver? Nós somos feitos de momentos irreversíveis, e o fato de conseguirmos congelar o tempo com uma fotografia é o que a deixa tão importante.

A partir de estudos afetivos do espaço urbano, percorro as fotografias diante desses espaços afetados pela pandemia, transitando então entre o invisível e o concreto, entre a arte e a vida, entre o urbano e o eu. O invisível aqui se constitui no conceito apresentado nesta escrita da experiência sensorial, e não somente pictórica (concreto), registrado nas fotografias. A arte e a vida se caracterizam como um aglutinado, não sabendo ao certo quando e onde se desprendem uma da outra. O urbano e eu, vem como uma espécie cartográfica, como aborda ROLNIK (1987):

⁸ O álbum de artista “Cápsula do Tempo”, fez parte de duas exposições coletivas virtuais: “Mapa Cartografias Afetivas”, 2021 e “Janela da Distopia”, 2021. Acesso a produção: <https://oliviagodoyy.wixsite.com/contagiart/c%C3%A1psula-do-tempo>

... tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1987, p. 23).

A máscara utilizada (Figura 2), neste contexto, é um dos fatores predominantes na mudança estética do espaço urbano e do corpo artístico. O que essas imagens nos dizem nesse momento? Em um dos registros, utilizo o autorretrato a partir de um espelho, abordando novamente o “me-ver”, usando uma máscara (Figura 3). Percebo como nossos olhares, nesse sentido, precisam e dizem tanto. Afinal, a máscara faz uma alteração na nossa comunicação, sendo assim, os olhos necessitam transmitir ainda mais nossas emoções.



Figura 2. Álbum de artista, 2021. Feira do Produtor, Cassino/RS. Acervo pessoal.

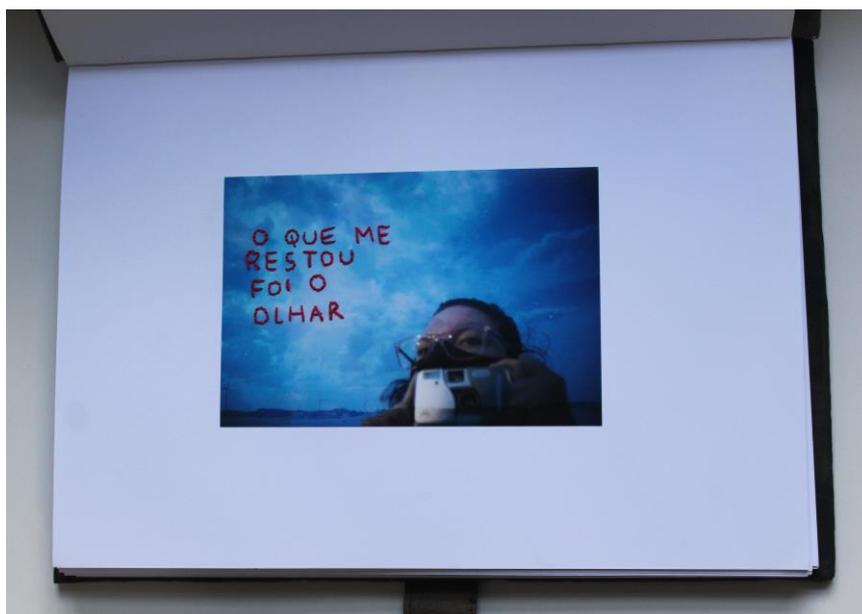


Figura 3. Cápsula do Tempo, álbum de artista, 2021. Praia do Cassino/RS. Acervo pessoal.



Figura 4. Cápsula do tempo, álbum de artista, 2021. Praia do Cassino/RS. Acervo Pessoal.

Bordando, cartografando, capturando memórias, sobre(vivendo) numa pandemia - ao praticar a observância, acesso um lugar de memória afetiva em mim. É na fissura da rotina onde minha prática artística se sustenta, tendo em vista que é preciso não somente olhar, mas estar aberta, quantas vezes forem necessárias, para encontrar dentro de si, da paisagem, dos espaços urbanos e (não)urbanos, algo que pulse, que reinvente. É, talvez, através desses trajetos e percursos que andam a resposta para a pergunta bordada no registro que tirei do meu pai (Figura 4). Portanto, estas práxis revelam o fazer da minha própria jornada, e é por conta destes reflexos que meu corpo artístico está em constante transformação, uma mudança que é acompanhada pelo meu fotografar e performar pandêmico.

REFERÊNCIAS

APPEL, Janice. **Origens e transformações do uso do espaço em arte pública de novo gênero e a formação de novas poéticas.** In: 28º encontro nacional da ANPAP, Goiás, 2019, p. 7-8. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____APPEL_Janice_Martins_Sitya_2216-2230.pdf Acesso em: 31 de julho 2021.

BREA, José Luiz. **Ornamento y utopia - Evoluciones de la escultura en los años 80 y 90.** In: Arte, proyectos y ideas. Ano IV, nº 4, Universidade Politécnica de Valência - Vice Rectorado de Cultura, Valência, 1996. Disponível em:



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

<https://pt.scribd.com/document/376381115/BREA-Jose-Luiz-Ornamento-y-Utopia>

Acesso em: 31 de julho 2021.

DIAS, Karina. **A prática do banal, uma aspiração paisagística.** In: 20º ANPAP - Subjetividade, Utopias e Fabulações, Rio de Janeiro, 2011, p. 4. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf Acesso em: 31 de julho 2021.

DIAS, Karina. **Notas sobre paisagem, visão e invisão.** In: 7º Encontro Nacional ANPAP. Panorama da pesquisa em artes visuais, Florianópolis, 2008, p. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/163.pdf> Acesso em: 31 de julho 2021.

KRAUSS, Rosalind. **A Escultura no Campo Ampliado.** Boston, revista October no. 08. 1979. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf Acesso em: 31 de julho 2021.

MENOTTI, Gabriel; ZORZAL, Bruno. **Entrevista: o filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital.** Revista Zum, 02 de outubro de 2017. Disponível em: <https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/> Acesso em: 07 junho 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011, p. 23. Disponível em: https://bafykbzacebul6oqngcpvb6ru4p7l6ilbkv63lnvppzja2euwo5mcmekuqtp3s.ipfs.infura-ipfs.io/?filename=%28Cole%C3%A7%C3%A3o%20Cartografias%29%20Suely%20Rolnik%20%20Cartografia%20sentimental%20_%20Transforma%C3%A7%C3%B5es%20Contempor%C3%A2neas%20do%20DesejoEditora%20da%20UFRGS%20%282011%29.pdf Acesso em: 31 de julho de 2021.